

JANE AUSTEN

Mansfield Park

Tradução de
HILDEGARD FEIST

Prefácio e notas de
KATHRYN SUTHERLAND

Introdução de
TONY TANNER



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio e das notas © 1996 by Kathryn Sutherland
Copyright da introdução original Penguin Classics © 1966
by Tony Tanner
Copyright da nota sobre o texto e da cronologia © 1995, 2003
by Claire Lamont

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Mansfield Park

PREPARAÇÃO
Lígia Azevedo

REVISÃO
Ana Maria Barbosa
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Austen, Jane, 1775-1817.

Mansfield Park / Jane Austen ; tradução de Hildegard Feist ; prefácio e notas de Kathryn Sutherland; introdução de Tony Tanner. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Título original: Mansfield Park.

ISBN 978-85-63560-99-5

I. Romance inglês I. Sutherland, Kathryn. II. Taaner, Tony. III. Título.

14-05794

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances: Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Os romances de Jane Austen no selo Penguin Classics	9
Prefácio — Kathryn Sutherland	11
Introdução — Tony Tanner	47
Nota sobre o texto	81

MANSFIELD PARK

Volume I	89
Volume II	263
Volume III	401
<i>Notas</i>	573
<i>Cronologia</i>	600
<i>Outras leituras</i>	602

VOLUME I

Há cerca de trinta anos, a srta. Maria Ward, de Huntingdon, com apenas sete mil libras, teve a sorte de cativar Sir Thomas Bertram, de Mansfield Park, no condado de Northampton, e, assim, tornar-se esposa de um baronete, com direito a todos os confortos de uma bela casa e de uma boa renda. Huntingdon inteira admirou a grandiosidade da união, e o próprio tio da noiva, advogado, admitiu que lhe faltavam no mínimo três mil libras para fazer jus a tanto. A srta. Maria tinha duas irmãs, que seriam beneficiadas com sua ascensão, e alguns conhecidos que achavam a srta. Ward e a srta. Frances tão bonitas quanto ela não hesitavam em afirmar que se casariam igualmente bem. Mas decerto não existem no mundo tantos homens com grandes fortunas para tantas moças bonitas que os merecem. Ao cabo de seis anos, a srta. Ward se viu obrigada a esposar o reverendo sr. Norris, amigo de seu cunhado, que estava longe de ser rico, e a srta. Frances teve ainda menos sorte. Na verdade, a srta. Ward não fez um mau casamento: como Sir Thomas felizmente pôde dar ao amigo o presbitério de Mansfield, o sr. e a sra. Norris iniciaram sua vida conjugal com pouco menos de mil libras por ano. Já a srta. Frances casou-se — para contrariar a família, dizia-se — com um tenente da Marinha sem instrução, sem dinheiro e sem boas relações. Não poderia ter feito pior escolha. Por princípio e por

orgulho, pela vontade de sempre agir corretamente e pelo desejo de ver todos a sua volta em situação respeitável, Sir Thomas Bertram bem que gostaria de usar sua influência em benefício da cunhada, mas se viu impedido pela profissão do marido dela¹ e, antes que tivesse tempo de conceber outra maneira de ajudá-los, ocorreu entre as irmãs uma ruptura absoluta. Foi a consequência natural da conduta de cada parte, o desfecho quase sempre resultante de um casamento imprudente. Para evitar reclamações inúteis, a sra. Price só comunicou sua união à família depois do fato consumado. Lady Bertram, que era uma mulher de sentimentos muito tranquilos e temperamento calmo e indolente, teria se contentado com simplesmente desistir da irmã e não pensar mais no assunto; porém, a enérgica sra. Norris não se deu por satisfeita enquanto não escreveu a Fanny uma carta longa e furiosa, apontando-lhe a insensatez de sua conduta e ameaçando-a com as piores consequências possíveis. Ofendida e indignada, a sra. Price enviou-lhe uma resposta amarga, que incluía todas as irmãs e tecia comentários tão desrespeitosos acerca de Sir Thomas que a sra. Norris não conseguiu guardá-los para si mesma. E essa resposta pôs fim a toda relação entre elas por um tempo considerável.

As três moravam em lugares tão distantes e frequentavam círculos tão diferentes que nos onze anos seguintes praticamente não houve possibilidade de cada uma saber da existência das outras, e Sir Thomas muito se surpreendia toda vez que a sra. Norris lhe contava, irritada, que Fanny tivera mais um filho. Ao fim de onze anos, a sra. Price não podia mais se dar o luxo de ser orgulhosa, de alimentar ressentimentos ou de manter-se afastada de pessoas que poderiam ajudá-la. Com uma família grande e ainda crescendo, com um marido incapacitado para o serviço ativo, mas não para a farra e a bebida, e com uma renda insuficiente para suprir suas necessidades, estava ansiosa para recuperar as amizades que tão impensada-

mente sacrificara; e escreveu a Lady Bertram uma carta em que falava de sua prole numerosa e de sua falta de quase tudo num tom contrito e pesaroso que haveria de levá-los à reconciliação. Às vésperas de seu nono parto, implorou à irmã e ao cunhado que concordassem em ser padrinhos da criança que estava para nascer e não escondeu que também seriam importantes para a futura manutenção dos oito filhos já existentes. O menino mais velho tinha dez anos, era bom e corajoso e ansiava por conhecer o mundo; mas o que ela podia fazer? Haveria alguma possibilidade de Sir Thomas utilizá-lo em sua propriedade nas Índias Ocidentais? Nenhuma ocupação seria indigna para ele — ou o que Sir Thomas achava de Woolwich? Ou como se poderia mandá-lo para o Oriente?²

A carta não foi inútil. Restabeleceu a paz e a benevolência. Sir Thomas enviou conselhos e declarações de amizade; Lady Bertram enviou dinheiro e roupas para o bebê; e a sra. Norris escreveu as cartas.

Esses foram os efeitos imediatos, porém o mais importante se deu doze meses depois. A sra. Norris vivia dizendo que não conseguia parar de pensar na coitadinha da irmã e nos sobrinhos e que, embora todos já tivessem feito muito por ela, queria fazer mais: e por fim anunciou que desejava aliviar o fardo e a despesa da pobre sra. Price, livrando-a de um dos integrantes de sua grande prole. “E se todos juntos cuidassem da filha mais velha, uma menina que tinha agora nove anos, estava numa idade que requeria mais atenção do que a pobre mãe podia lhe dar? O trabalho e os gastos que teriam com isso não seriam nada, em comparação com a bondade do gesto.” Lady Bertram concordou de imediato. “Acho que não podemos fazer nada melhor”, declarou; “vamos mandar buscar a criança.”

Sir Thomas não podia consentir tão prontamente e sem nenhuma restrição. Refletiu, hesitou — era uma grande responsabilidade; se não conseguisse dar a devida as-

sistência a uma menina tão crescida, seria uma crueldade tirá-la da própria família. Pensou em seus quatro filhos — em seus dois meninos — em primos apaixonados etc. —; porém, mal abriu a boca para expor suas objeções, a sra. Norris interrompeu-o com um discurso que acabou com todas elas, expostas ou não.

“Meu caro Sir Thomas, eu o compreendo perfeitamente e reconheço a generosidade e a delicadeza de suas ponderações, que de fato estão em harmonia com toda a sua conduta. Concordo inteiramente que quem pega uma criança para acabar de criar tem de fazer o possível por ela; eu seria a última pessoa no mundo a recusar minha pequena contribuição. Como não tenho filhos, de quem eu deveria cuidar, senão dos filhos de minhas irmãs? E estou certa de que o sr. Norris pensa da mesma forma. Mas o senhor sabe que sou uma mulher de poucas palavras. Não vamos deixar de praticar uma boa ação por causa de uma bobagem. Recebendo uma boa educação e sendo apresentada ao mundo como deve ser, a menina com certeza vai se dar bem, sem acarretar gastos para mais ninguém. Uma sobrinha nossa, Sir Thomas, ou, pelo menos, *sua*, teria muitas vantagens em crescer aqui. Não digo que seria tão bonita quanto as primas. Acho mesmo que não. Mas seria apresentada à sociedade em circunstâncias tão favoráveis que, com toda a probabilidade, conseguiria um bom casamento. O senhor está pensando em seus filhos... mas não sabe que de todas as coisas que existem no mundo essa é a menos provável de acontecer, já que seriam criados juntos, como irmãos? É moralmente impossível. Eu nunca soube de nada parecido. Na verdade, essa é a única maneira segura de evitar esse tipo de relacionamento. Imagine que ela é bonita e que Tom ou Edmund a vê pela primeira vez daqui a sete anos; acho que seria um problema. Só o fato de ela ter crescido longe de nós, na pobreza e no abandono, bastaria para fazer qualquer um de seus queridos filhos apaixonar-se por ela. Mas crie-a

com eles desde agora e sempre a verão como uma irmã, ainda que ela tenha a beleza de um anjo.”

“Há muita verdade no que a senhora falou”, Sir Thomas respondeu. “E longe de mim colocar qualquer empecilho a um plano tão condizente com a situação de cada um de nós. Só acho que não devemos agir levianamente e que, para que o que fizermos seja de fato bom para a sra. Price e honroso para nós, precisamos garantir ou comprometer-nos a garantir que, desde agora e de acordo com as circunstâncias, a menina tenha recursos para viver como uma dama, se o casamento que a senhora espera com tanto otimismo não acontecer.”

“Eu entendo perfeitamente”, disse a sra. Norris. “O senhor é muito generoso, muito atencioso, e quanto a isso nunca vamos discordar. Como bem sabe, estou sempre disposta a fazer o possível pelas pessoas que amo; e, embora eu nunca venha a sentir por essa menina a centésima parte do amor que sinto por seus filhos, nem considerá-la, em qualquer aspecto, como minha filha, eu me odiaria se a abandonasse. Ela não é filha de uma irmã? Como poderia deixá-la passar necessidade, se tenho um pedaço de pão para lhe dar? Meu caro Sir Thomas, com todos os meus defeitos, eu tenho um bom coração; e, mesmo sendo pobre, prefiro tirar de meu próprio sustento a cometer uma mesquinharia. Portanto, se o senhor não se opõe, amanhã vou escrever para minha irmã e apresentar a proposta; e, assim que tudo se resolver, *eu* me comprometo a trazer a menina; *o senhor* não vai ter nenhum trabalho. Quanto a meu próprio trabalho, eu não me importo, o senhor sabe. Para isso vou mandar Nanny para Londres, onde ela pode ficar na casa do primo, o seleiro, e dizer que a menina deve ir para lá. Eles podem colocá-la na diligência, aos cuidados de qualquer passageiro confiável. Acho que entre os viajantes sempre há a mulher de um comerciante honrado.”

Exceto quanto à casa do primo de Nanny, Sir Thomas não levantou nenhuma objeção e, tendo sido designado

um local de encontro mais respeitável, embora menos econômico, deu-se tudo por resolvido e passou-se a desfrutar os prazeres de um gesto tão generoso. A bem da verdade, as sensações gratificantes não foram as mesmas para todos, pois Sir Thomas estava decidido a ser o verdadeiro e permanente tutor da criança escolhida, e a sra. Norris não tinha a menor intenção de arcar com nenhuma despesa para a manutenção da sobrinha. Em se tratando de caminhar, falar, planejar, ela era a benevolência em pessoa e sabia como ninguém ditar generosidade aos outros; mas, tendo tanto amor ao dinheiro quanto ao comando, também sabia perfeitamente economizar o seu e gastar o dos amigos. Com um rendimento menor do que esperava ter depois de casada, desde o começo determinou-se a fazer economia; e o que inicialmente se deveria à prudência logo se tornou uma opção, o próprio objeto daquela preocupação necessária quando se tem uma prole para sustentar — que não era o caso. Se tivesse filhos, a sra. Norris talvez não conseguisse guardar dinheiro; não os tendo, nada a impedia de ser frugal nem diminuía sua satisfação com o que amealhava todo ano. Aferrada a esse princípio e desprovida de afeto verdadeiro pela irmã, tudo que podia querer era o mérito de propor uma caridade tão dispendiosa e tomar as devidas providências para executá-la; talvez se conhecesse tão pouco que, ao voltar para casa depois dessa conversa, estava feliz, acreditando ser a irmã e a tia mais generosa do mundo.

Quando novamente se tocou no assunto, ela explicou melhor sua posição; e em resposta à calma pergunta de Lady Bertram: “Para onde a menina irá primeiro, minha irmã: para sua casa ou para a nossa?”, Sir Thomas, com alguma surpresa, ouviu-a dizer que absolutamente não tinha condições de ajudar a cuidar da criança. Ele pensara que a menina seria acolhida no presbitério de braços abertos como uma boa companhia para uma tia sem filhos; mas constatou que estava redondamente enganado.

A sra. Norris lamentava informar que a permanência da sobrinha em sua casa, ao menos nas atuais circunstâncias, estava fora de cogitação. Assim exigia a saúde precária do pobre sr. Norris, que não suportaria o barulho de uma criança; se ele se curasse da gota, seria diferente, e ela teria prazer em fazer sua parte, sem se importar com o transtorno; mas agora o pobre sr. Norris ocupava cada instante de seu tempo e certamente se aborreceria com a simples menção desse tema.

“Então é melhor ela vir para nossa casa”, Lady Bertram concluiu com a maior tranquilidade. Depois de uma pausa, Sir Thomas acrescentou com toda a dignidade: “Sim, esta vai ser a casa dela. Vamos nos esforçar para cumprir nosso dever para com nossa sobrinha, que, aqui, pelo menos terá a vantagem de conviver com crianças da idade dela e de estudar com uma professora fixa”.

“Essas considerações são muito importantes, sem dúvida”, a sra. Norris concordou; “e para a srta. Lee tanto faz lecionar para três meninas como para duas: é a mesma coisa. Eu só gostaria de ser mais útil; mas vocês estão vendo que faço tudo que está a meu alcance. Não sou de fugir do trabalho; e Nanny vai buscá-la, o que significa que vou ter de ficar três dias sem minha melhor ajudante. Suponho, minha irmã, que vá instalar a menina no pequeno sótão branco, perto do antigo quarto das crianças. É o melhor lugar para ela, não muito longe das primas e perto da srta. Lee e das empregadas, que podem ajudá-la a se vestir e podem cuidar das roupas dela, pois imagino que você não ache justo esperar que Ellis cuide dela e dos outros. Na verdade, não vejo onde mais você poderia instalá-la.”

Lady Bertram não levantou nenhuma objeção.

“Espero que ela tenha bom gênio”, a sra. Norris prosseguiu, “e reconheça que é muita sorte ter amigos assim.”

“Se ela tiver mau gênio, não poderá ficar aqui, pelo bem de nossos filhos”, Sir Thomas falou. “Porém não há motivo para temer tamanho descalabro. Provavelmen-

te veremos nela muita coisa que vamos querer mudar e temos de nos preparar para muita ignorância, opiniões tacanhas, maneiras vulgares; mas esses defeitos não são irremediáveis, nem perigosos para as outras crianças. Se minhas filhas fossem *mais novas* que ela, a chegada dessa menina seria um problema sério; mas, como não são, espero que essa convivência não nos dê motivos para temer *por elas* e tenha tudo que possamos desejar *para ela*.”

“É exatamente o que eu penso”, a sra. Norris concordou, “e o que estava dizendo para meu marido hoje de manhã. O simples fato de estar com as primas já vai ser instrutivo para a menina; ainda que a srta. Lee não lhe ensine nada, *elas* vão ensiná-la a ser boazinha e ajuizada.”

“Tomara que ela não atormente minha pobre cachorrinha”, Lady Bertram suspirou. “Acabei de dizer para Julia deixá-la em paz.”

“Vamos ter dificuldade, sra. Norris”, Sir Thomas observou, “com relação à diferença adequada que devemos estabelecer entre as meninas, à medida que forem crescendo; como preservar em minhas filhas a consciência do que são, sem levá-las com isso a desprezar a prima; e como, sem humilhar a menina, fazê-la lembrar que não é uma srta. *Bertram*. Quero que elas sejam boas amigas e de modo algum hei de permitir que minhas filhas tratem a prima com arrogância; mas elas não podem ser iguais. Sua condição, sua fortuna, seus direitos, suas expectativas sempre serão diferentes. Esse é um ponto muito delicado, e a senhora precisa nos ajudar a agir corretamente.”

A sra. Norris colocou-se à inteira disposição do cunhado; e, embora concordasse plenamente com ele quanto à dificuldade apresentada, garantiu-lhe que, juntos, haveriam de superá-la sem problema.

Não foi em vão que a sra. Norris escreveu para a irmã. A sra. Price se surpreendeu com a escolha de uma menina, quando tinha tantos meninos ótimos, porém aceitou a oferta com gratidão, assegurando-lhes que a filha tinha

bom gênio, era bem-humorada e nunca lhes daria motivo para mandá-la embora. Também avisou que era uma criança delicada e franzina, mas expressou a esperança de que melhorasse com a mudança de ares. Coitada! Provavelmente pensava que uma mudança de ares faria bem a muitos de seus filhos.